



Tecnologia, a Verdadeira Riqueza

Francis Bogossian

Brasileiros, desde que se entendem por gente, mostram-se indignados com o triste contraste entre o potencial de riqueza da nação e a pobreza do povo. E declaram-se invejosos do milagre japonês, um país tão menor em área, com tão poucos recursos naturais, mas tão rico e poderoso.

Não há, entretanto, mistérios, nem na nossa indignação nem na inveja. Os grandes sustentáculos da riqueza e do poder no Japão são exatamente as monumentais carências que impedem a erradicação da pobreza no Brasil e sufocam o nosso desenvolvimento: educação e tecnologia.

Em educação, consolidou-se por aqui a tradição de que os políticos, em geral, devem cuidar com todo desvelo e carinho da plena manutenção e multiplicação da indústria da ignorância. Eles precisam da miséria educacional para vencer as eleições e usufruir os poderes que lhes conferem os mandatos. Com o povo sem educação, a ética e a cidadania bem longe, fica mais fácil a compra de votos, em espécie ou com a velha e eficaz moeda das falsas promessas dos marqueteiros.

Sem educação formal não se chega ao desenvolvimento tecnológico. Por isso o nível de industrialização no Brasil ainda é muito baixo em relação ao que poderia ser. Grande parte dos minérios que exportam deveriam ser industrializados no país, gerando produtos, empregos e renda para os brasileiros.

A agricultura, nossa outra grande força produtiva, mereceria também maior nível de industrialização. Exportamos boa parte da nossa produção de alimentos como insumos. Deixamos de gerar empregos e riqueza nesse setor porque nos falta investir em tecnologia. A indústria precisa de trabalhadores treinados, e a educação formal é o primeiro requisito para a formação de mão de obra qualificada.

Nossa grande exceção e maior exemplo, tem sido, sem dúvida a Petrobrás. Ela se tornou a mais bem-sucedida empresa brasileira e uma das maiores

petrolíferas do mundo, e não apenas por o controle das reservas de petróleo e gás do Brasil. Acabou o monopólio e ela ficou cada dia mais forte. Não se acomodou em cima do patrimônio de suas reservas. Investiu pesadamente para conquistar tecnologia. O Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (Cenpes) tem sido nosso maior trunfo em pesquisa e inovação.

Teria sido mais fácil e cômodo, após a localização e o dimensionamento das nossas reservas, que hoje englobam o pré-sal, atrair exploradores e produtos estrangeiros. E oferecer nossos campos em troca de migalhas percentuais do que fosse produzido. Mas não tem sido assim. A Petrobras continua apostando no conhecimento a lutando para vencer interesses poderosos contrários ao bom e verdadeiros nacionalismo. Lá se decide pelo investimento pesado em tecnologia, educação e formação de mão de obra na gestão de recursos humanos e de processos. Assim, vimos surgir e se multiplicarem as conquistas tecnológicas e o mundo curvar-se diante de realidade.

Viaje ao exterior e diga que é brasileiro. Você será, sem dúvida, identificado inicialmente como conterrâneo de Pelé, Tom Jobim e, é claro, da “Garota de Ipanema”. Pode ser, entretanto, que alguém mais antenado já se refira à Petrobrás, ao nosso petróleo e à promessa de o Brasil estar em breve no rol das nações mais poderosas do planeta.

Se o Brasil passar a agir como a Petrobras e usar o poder da educação, nossas tecnologias farão nascer e crescer empresas e empregos. Esses gols nos deixarão, certamente, tão ou mais orgulhosos do que já somos pelos gloriosos tentos nas conquistas das Copas do Mundo.

Francis Bogossian é Presidente do Clube de Engenharia e da AEERJ, membro vitalício da Academia Nacional de Engenharia, da Academia Brasileira de Educação e da Academia Panamericana de Ingenieria. Fundou a empresa Geomecânica S.A., em 1972, e foi professor da UFRJ e UVA.

Artigo publicado no Jornal do Commercio em junho de 2009 e no livro "Em Defesa da Engenharia Nacional", de Francis Bogossian, publicado pela AEERJ, Associação das Empresas de Engenharia do Rio de Janeiro.